

Recuperações judiciais batem recorde; juros altos são 'vilões'

Empresas Sufoco contábil

Mesmo com economia aquecida, recuperações judiciais são recorde

De janeiro a setembro, 1,7 mil empresas pediram recuperação judicial, alta de 73% ante o mesmo período de 2023; número já é maior que o da recessão de 2016

EDUARDO LAGUNA

A onda de insolvência nas empresas brasileiras, que emergiu no ano passado, segue ganhando volume, apesar de a economia continuar crescendo bem acima das expectativas, o desemprego estar nos menores níveis históricos e a renda das famílias em alta. Nesse contexto, os juros altos são apontados por especialistas como o principal vilão a minar a contabilidade das empresas, já que ficou mais caro financiar os negócios.

Mas há também outros fato-

res comprometendo a capacidade de pagamento das empresas, como a alta da inadimplência dos consumidores, o impacto das mudanças climáticas na produção de alimentos, a depreciação cambial, que pressiona custos, e a dificuldade de acompanhar as transformações tecnológicas.

PIOR QUE EM 2016. Balanço da Serasa Experian, com dados até setembro, mostra que 1,7 mil empresas já haviam pedido recuperação judicial neste ano, 73% a mais do que no mesmo período de 2023, quando as crises na Americanas e na

Light chamaram a atenção para a saúde financeira das companhias brasileiras. É o maior número de pedidos, entre iguais períodos, da série estatística de 19 anos, sendo comparável apenas a 2016.

'Socos no fígado'

Juros altos são apontados por especialistas como um dos principais fatores da alta nas recuperações

Em meio à recessão econômica provocada por desequilíbrios fiscais, escândalos revela-

dos pela operação Lava Jato e uma crise política que levou ao impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, nos nove primeiros meses daquele ano, 1,5 mil empresas entraram com pedidos de recuperação judicial, último recurso para evitar a falência.

'SOCOS NO FÍGADO'. Com 6,9 milhões de empresas no vermelho e R\$ 149,1 bilhões em débitos inadimplentes registrados na Serasa -, não há perspectiva de arrefecimento nos pedidos de recuperação judicial no curto prazo.

O risco é de essa situação

freie o crédito, cuja aceleração tem sido um dos motores do crescimento do consumo e da reação dos investimentos. Uma crise de crédito, o chamado credit crunch, não está no cenário provável de especialistas, mas é possível que, dada a elevação do risco, os bancos passem a cobrar taxas mais altas e se tornem mais seletivos nas concessões a empresas.

"Juros altos, acima de dois dígitos por muito tempo, é como levar socos no fígado durante oito rounds, numa comparação com uma luta de box. O fígado da empresa é o capital de giro, e o custo de carregamento financeiro da dívida", comenta o economista Fábio Astrauskas, CEO da Siegen, compara especializada em recuperação judicial e reestruturação de empresas.

"Chega uma hora em que os juros ficam tão altos que toda a geração de caixa acaba sendo consumida pela despesa financeira, e a empresa vai a nocautê", conclui ele. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia e Negócios Caderno: B Pagina: 1